

Economistas prevêem mudanças

Norberto Svarzman, da UPI

Nações Unidas — Economistas latino-americanos coincidem em que teve início uma nova etapa na crise da dívida e que os países em desenvolvimento terão de realizar mudanças profundas, enquanto se examina uma solução política global. Disse um perito que a decisão do Citibank de aumentar suas reservas em 3 bilhões de dólares, ante a possibilidade de créditos incobráveis, "finalmente descerrou o véu e desnudou a realidade".

O embaixador do Peru, Carlos de Alzamora, declarou por sua vez que esta era a primeira avaliação realista do problema e um reconhecimento de que é preciso buscar uma solução política, em vez de prosseguir no ciclo de refinanciamentos e aumentos da dívida.

Uma comissão de peritos de alto nível está trabalhando nas Nações Unidas, no marco do sistema econômico latino-americano, com o propósito de levar os países do Terceiro Mundo a aumentar sua cooperação econômica.

As impressões recolhidas é que agora será mais fácil convocar um debate mundial para examinar soluções realistas em profundidade, com base no reconhecimento de que deve haver mais intervenção dos governos dos países industrializados e dos organismos internacionais.

Assinalou-se, por exemplo, que as 15 nações incluídas no "Plano Beker", entre elas, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela, fizeram transferências líquidas para os credores privados da ordem de 7,1 bilhões de dólares em 1985 e 1986.

Além disso, estudos internacionais indicam que o aviltamento dos preços das matérias-primas, inclusive do petróleo, significou uma perda anual de 100 bilhões de dólares para os países em desenvolvimento.

Crescimento

Seria possível citar outras cifras até a exaustão, mas o resultado final é que, contrariamente ao propósito do "Plano Baker" de aumentar os recursos para permitir o crescimento dos países em desenvolvimento, estas nações estão em processo de descapitalização.

Alzamora declarou à **United Press International** que "pela primeira vez um dos bancos mais importantes do mundo e o maior dos Estados Unidos reconhece que, como temos sustentado, a dívida é não apenas um problema de liquidez, e sim um problema estrutural, razão por que sua solução é de natureza política e

é não somente aos bancos, mas compen aos governos e às organizações também internacionais".

Acrescentou que "quaisquer que sejam os efeitos (da medida do Citibank), ela é a primeira avaliação realista nestes cinco anos em que os profissionais do otimismo interessado procuraram escamotear o problema e convencer os países devedores e também os credores de que a solução estava em endividar-se mais".

Opinou Alzamora que a decisão do **Citibank** terá "consequências inevitáveis nas relações econômicas internacionais e nos modelos de desenvolvimento de nossos países".

A Assembleia Geral da ONU pediu um novo relatório sobre a dívida, que estará pronto em setembro, prevendo-se desde já um debate de grande amplitude sobre o assunto. Vários representantes latino-americanos, todavia, consideram que será necessário promover um debate de alto nível político o mais cedo possível. Alguns são de parecer que os países em desenvolvimento terão de mudar suas economias, buscar maior interdependência entre si e ajustar-se às novas realidades, vivendo mais com os recursos disponíveis, enquanto se negocia uma saída.

Investimentos

Segundo peritos, a nova posição da comunidade bancária em face da dívida dos países em desenvolvimento pode acelerar o processo de transformação dos débitos em investimentos.

A esse respeito, Máximo Flugelman, vice-presidente do Departamento de Mercados de Capital do **First Chicago Bank** para a América Latina, disse a UPI que a transformação da dívida em investimentos pode ser um fato de dinamização porque, superados certos tecnicismos, os bancos poderão contribuir mais agressivamente através de aplicações diretas ou participações em fundos de investimento, no processo de capitalização da dívida.

O processo não é rápido nem abrange partes consideráveis da dívida, mas no caso da dívida latino-americana, que soma 382 bilhões de dólares, pode chegar a 30 por cento. O efeito é duplo, já que não somente se reduz o montante das obrigações como também se dinamizam setores econômicos que estão deprimidos, graças ao influxo de capital e conhecimentos técnicos.

Thomas Jones, diretor de Finanças do **Citicorp**, disse à UPI que a instituição continuará vendendo a dívida e que nos próximos três anos a redução da carteira de créditos poderá situar-se em 1 bilhão e 5 bilhões de dólares.